

HOT NEWS 19

HOT CLUBE DE PORTUGAL



dez. 24

editorial

É com grande prazer que damos as boas-vindas à edição número 19 da Hot News. Decorrido mais um ano em que o Clube não regressou a casa, o ano de 2024 não deixou ainda assim de ter uma actividade intensa e com muitos eventos interessantes. Esta edição, coordenada por Leonel Santos, conhecido crítico, divulgador de jazz e vogal do conselho directivo, conta com peças de várias personalidades da cultura e do jazz em Portugal. A todos eles agradecemos desde já o contributo precioso.

Em 2024 celebrou-se o centenário do Luiz Villas-Boas, mas também o cinquentenário do 25 de abril, que não podia deixar de ser assinalado. Nesse sentido, o dossier “Jazz, Liberdade, Democracia” lança um olhar sobre a relação entre o jazz e os valores essenciais de uma sociedade que se pretende respeitadora das mais legítimas aspirações de cidadania. Como é sabido, o jazz sempre marcou presença nessa luta ao longo da sua história. João Abel Manta, fundador do Hot Clube e um dos mais importantes cartoonistas do nosso país é o ponto de partida para essa celebração. Para além dele, contamos com textos, análises e reflexões de Leonel Santos, António Poças, Pedro Adão e Silva, Cristina Marvão, António Branco, José Soares e José Ribeiro Pinto, e ainda recordamos um texto de José Jorge Letria sobre o Cascais Jazz.

Para finalizar, António José Barros Veloso traz-nos memórias do saudoso Gualdino Barros, que nos deixou no final de 2023, António Poças apresenta uma interessante análise em números da evolução recente da população estudantil da Escola do Hot, e Luis Guilherme Cunha apresenta um resumo das múltiplas actividades do Hot ao longo de 2024.

Boa leitura, e um óptimo ano de 2025.

Pedro Moreira Presidente do Conselho Directivo

índice

3 UMA CASA PARA 50 ANOS

DOSSIER JAZZ LIBERDADE DEMOCRACIA

4 JOÃO ABEL MANTA

7 A MÚSICA DA LIBERDADE. ONTEM COMO HOJE

8 JAZZ LIBERDADE E DEMOCRACIA E MULHERES.

10 AS PORTAS QUE O CASCAIS JAZZ ABRIU

11 A REALIDADE QUE PENOSAMENTE NOS CERCA

12 O CASO CHARLIE HADEN

13 DOIS CD, DOIS OLHARES INQUIETOS SOBRE O MUNDO, CHARLIE HADEN E CARLA BLEY

15 ENTREVISTA A JOSÉ SOARES

18 DIA INTERNACIONAL DO JAZZ

19 ÀS VOLTAS COM ALEGRIA

20 O GUALDINO E AS “SESSÕES DA DROGARIA IDEAL”

21 HOT EM NÚMEROS

22 UM ANO FORA DE PORTAS E OS 100 ANOS DO VILLAS



PRESIDENTE HCP **Pedro Moreira**
COORDENADOR DA EDIÇÃO **Leonel Santos**
DESIGN GRÁFICO/PAGINAÇÃO **três agã — strategic design studio**
SEDE **Praça da Alegria 48, 1250-004 Lisboa**
ESCOLA DE JAZZ **LUÍZ VILLAS-BOAS**
Travessa da Galé 36 1º, 1300-263 Lisboa
TEL 213619740

REVISÃO DOS TEXTOS por **Mariana Botelho Santos**
CAPA **Django Reinhardt, João Abel Manta, lápis e carvão, 1948/50**
CONTRACAPA **Igor Stravinsky X Luís de Freitas Branco, João Abel Manta, lápis e carvão, circa 1953**

Contribuíram para este número da Hot News
António Branco, António Campinos Poças, António José de Barros Veloso, Cristina Marvão, João Abel Manta, José Jorge Letria, Luís G. Cunha, Joaquim Mendes, José Ribeiro Pinto, José Soares, Leonel Santos, Mariana Manta, Pedro Adão e Silva, Pedro Moreira.

*José Ribeiro Pinto, António Campino Poças, Cristina Marvão e Leonel Santos optaram por não utilizar o Novo Acordo Ortográfico.

Uma casa para 50 anos

Janeiro de 2023 surpreendeu-nos com a interdição de utilização do nosso clube de jazz na Praça da Alegria, por razões de segurança. O mau estado de conservação do edifício, principalmente ao nível da cobertura, havia sido feito notar por diversas vezes ao proprietário Câmara Municipal de Lisboa (CML) que, perante as evidências e um muito provável agravamento da situação no curto prazo, viu-se obrigado a ordenar a interdição do edifício.

A apresentação daquilo que é hoje o HCP – que reúne estas diferentes valências e um universo de mais de 500 pessoas que regular e quotidianamente o frequentam mesmo com o clube de jazz encerrado – ocorreu nos Paços do Concelho, em Março de 2023.

Nesse encontro, apresentámos ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa o Hot Clube de Portugal nas suas diversas valências e a vontade de a associação vir a instalar-se definitivamente na zona da Praça da Alegria, considerando ser a geografia íntima do Hot Clube, e sabendo que a CML dispõe de diversos imóveis naquela zona.

A CML compreendeu a visão do HCP e concordou que a zona da Praça da Alegria também é aquela em que a Cidade de Lisboa vê institucionalmente o Hot Clube, tendo-se comprometido a trabalhar connosco nessa solução a médio/longo prazo, congregando, se não num único edifício, em vários, as diversas valências do HCP.

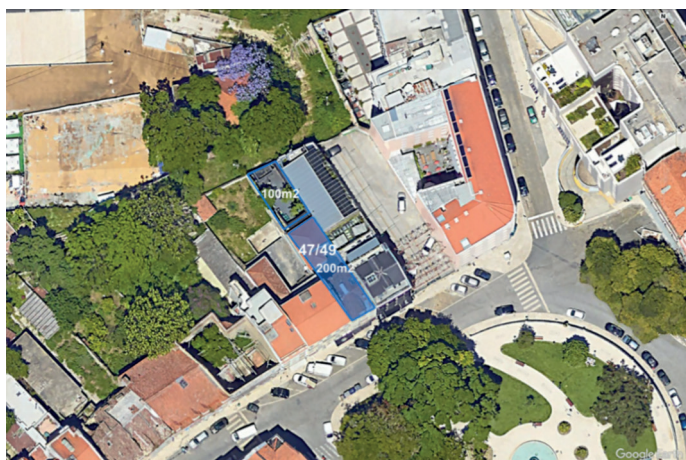
Resultou daqui, algum tempo depois, a CML ter proposto uma solução em dois edifícios, a concretizar a médio/longo prazo: manter o clube de jazz e instalar o núcleo museológico no n.º 48 da Praça da Alegria, e vir a instalar a escola e a orquestra num edifício novo, no futuro projecto do Parque Mayer.

Restava encontrar-se uma solução para a reabertura do clube neste entretanto. Foram apresentadas algumas hipóteses, entre elas no actual mercado do Largo do Rato, mas todas careciam de obras. Perante isto, entendeu-se que o mais razoável seria fazerem-se obras no edifício da Praça da Alegria, começando pelas necessárias para que a interdição da CML pudesse ser levantada e o nosso clube de jazz pudesse reabrir.

O resto, felizmente já sabemos. Pouco depois celebrou-se a escritura de cedência em direito de superfície a 50 anos da totalidade do edifício na Praça da Alegria.

Nos últimos meses, concluiu-se o projecto de engenharia para a primeira fase das obras e fizeram-se as consultas a empreiteiros, estando os primeiros números a surgir. Entretanto, a Câmara Municipal de Lisboa está a ultimar as formalidades para atribuir um apoio financeiro ao Hot Clube e todos nós, sócios, alunos, equipa, músicos, professores e amigos contamos os dias para reabrimos a nossa casa definitivamente, começando pelos próximos 50 anos.

António Campinos Poças,
Lisboa e Oeiras, 15 de Novembro de 2024



Localização do nosso edifício na Praça da Alegria, com o projecto do clube de jazz do atelier Aires Mateus (2011)

Este dossier, Jazz, Liberdade, Democracia, começa por revelar alguns desenhos esquecidos do que é por muitos considerado o maior cartunista português, João Abel Manta, um dos fundadores do Hot Clube de Portugal e um democrata. Pedro Adão e Silva ofereceu-nos também o seu contributo, «A música da liberdade. Ontem como hoje». Cristina Marvão acrescenta «as mulheres» ao tema «liberdade e democracia» e pergunta: sem as mulheres a democracia já chegou ao jazz? José Ribeiro Pinto fala-nos do Dia Internacional do Jazz, o jazz ao serviço da democracia ou «A capacidade do jazz para unir tradições díspares e identidades culturais». Recordamos também o Cascais Jazz de 1971 como uma antecipação da liberdade, como a via José Jorge Letria e dedicamos uma página ao «caso Charlie Haden». António Branco e Leonel Santos falam de dois discos que são dois olhares sobre a liberdade. E entrevistamos José Soares, um histórico do Hot Clube, que presidiu às «direcções de Abril», nos anos quentes da revolução, e que nos fala um pouco desses tempos conturbados. Finalmente António Poças em «Às voltas com alegria», fala da casa do Hot num sugestivo ensaio onde evoca o espaço como um lugar espiritual e de liberdade, fruto da vontade indómita dos seus sócios.



Homenagem ao MUD Juvenil, reprimido por Salazar nos anos 40, ©João Abel Manta, 1974

João Abel Manta,

cartunista, arquitecto,
desenhador, pintor, artista
plástico, democrata, amante
da liberdade e sócio fundador
do Hot Clube de Portugal



Cartaz evoca vo da revolução, ©João Abel Manta, 1974

«O Luiz Villas-Boas era um primo da parte da minha mãe. Desde novo que ficámos muito amigos porque eu gostava de Jazz e ele também era um interessado e tinha muitos discos dos grandes músicos. Como eu tinha muita liberdade dos meus pais, ia a Paris sempre que podia e levava sempre uns conselhos do Luiz para comprar, ou ouvir, isto ou aquilo.

Quando ele abriu o Hot Clube, eu fui um dos primeiros sócios. Ainda me lembro bem desse episódio com muita piada: estávamos em casa do (António) Sena da Silva quando o Luiz apareceu a dizer que precisava de cinquenta assinaturas para fundar o Hot Clube. Até inventei e preenchi uns quantos nomes e assinaturas a mais nessa folha de papel para o ajudar! Foi assim que nos tornámos sócios do Hot Clube, acho que ainda no final dos anos 40.», disse a rir.

João Abel Manta era um amante da música, de toda a música, gosto que tinha herdado dos pais e, no seu extenso catálogo, encontramos figuras como Debussy, Stravinsky, Pedro de Freitas Branco, Domingos Bomtempo, Béla Bartók, mas também Django Reinhardt e Boris Vian, entre as centenas de retratados, figuras da cultura, músicos, artistas, e também políticos.

João Abel Manta nasceu em 1928, e é considerado o maior cartunista português, a par do precursor Raphael Bordallo Pinheiro, sendo que a sua actividade se espalha pela arquitectura (formado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa), que foi trocando, a partir dos anos 50, pelas artes plásticas, numa multiplicidade de áreas que inclui a pintura e a ilustração, mas também a cerâmica, tapeçaria, azulejo, mosaico, gravura, cenografia, e outras, numa obra multifacetada de mais de sessenta anos.

Homem de enorme cultura, desde muito cedo que convivia com figuras como Manuel Mendes ou Aquilino Ribeiro, amigos dos seus pais, e muito cedo também se trava de amizade pelos pintores Sá Nogueira e José Dias Coelho, e se integra na intelectualidade



João Abel Manta

lisboeta ligada aos movimentos de esquerda que se opunham à ditadura, e participa no MUD Juvenil.

João Abel Manta destaca-se em particular nas artes plásticas, sobretudo no desenho e colagem, onde se afirmou bastante cedo, com trabalhos de relevo datados já da década de 1940 e, em 1961, venceu o Prémio de Desenho na II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian com O Ornitóptero; o primeiro de inúmeros prémios e exposições nacionais e internacionais.

Mas a área em que se distinguiu de forma mais assinalável terá sido a do cartoon. A sua actividade como cartunista estende-se dos anos 50 ao início dos anos 90, tendo nos anos 70 sido publicado regularmente na imprensa, e sendo notáveis alguns dos trabalhos que realizou para o Diário de Notícias, Diário de Lisboa e para o Jornal de Letras, Artes e Ideias.

Arguto e justo, com ironia e crítica, com generosidade e alegria também, antes e depois, celebrando a queda da ditadura; à visão do político engajado juntava-se amiúde a ingenuidade e dúvida do povo. Citando José Cardoso Pires: «Nenhum pintor daqui e de agora resumiu com tantas subtilidades a temperatura social e política do fascismo agonizante» e «estão em causa os desastres e os grotescos duma burguesia, a nossa, com os seus emblemas e heróis». (João Abel Manta) «aponta à História, ao monumento e em particular à procissão provinciana da nossa burguesia intelectual».

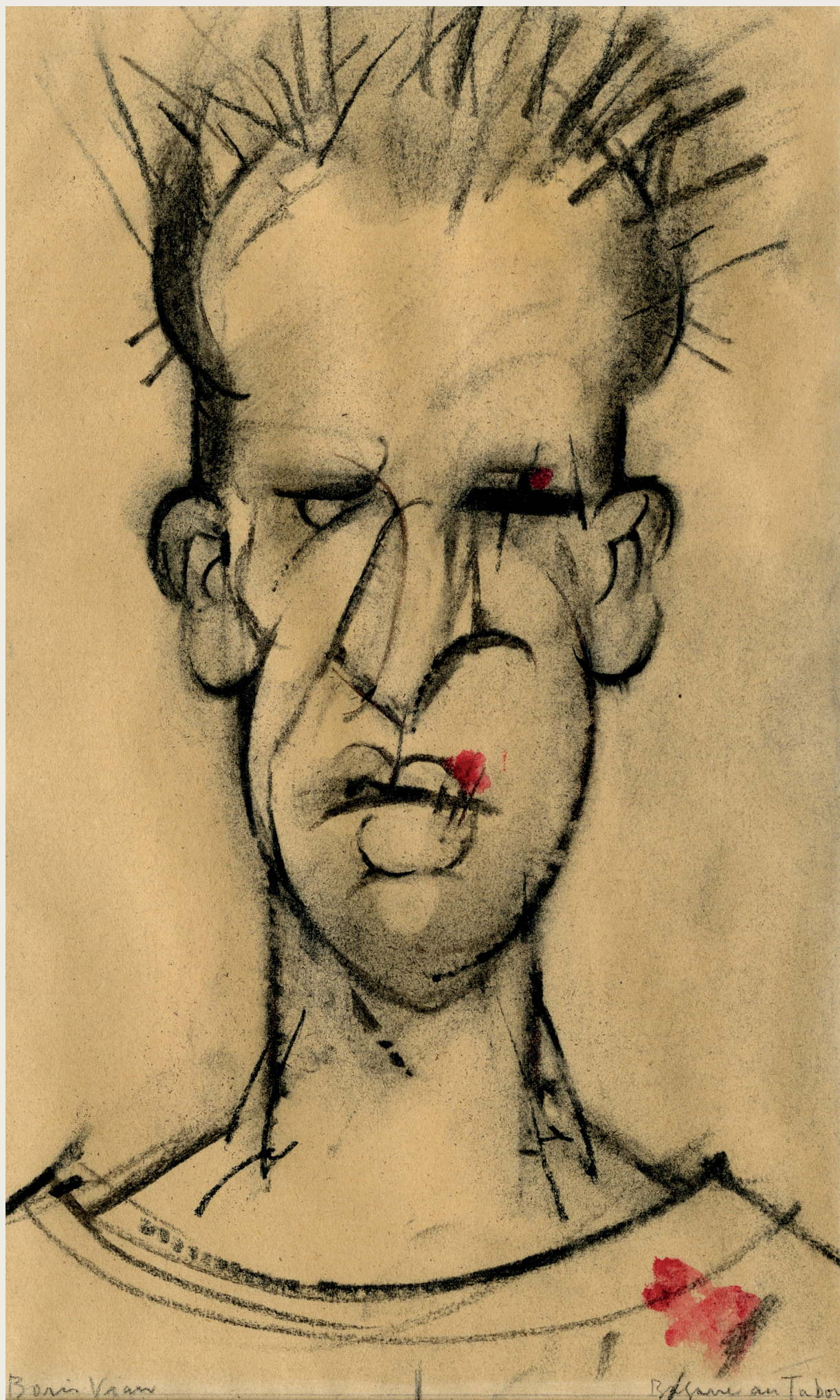
É dele o que é provavelmente o mais conhecido cartaz do 25 de Abril de 1974, que juntava um popular a um soldado, e que tinha como legenda «MFA, Povo, Povo, MFA». Artista singular, profícuo, de uma inventiva sem peias ou limites.

A 25 de Abril de 2004, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem da Liberdade.

De entre as muitas centenas de desenhos de João Abel Manta escolhemos alguns menos conhecidos, mas significantes da arte maior de João Abel Manta e do seu amor pela música, e que representam o guitarrista de jazz Django Reinhardt (na capa da Hot News), o escritor, divulgador de jazz e radialista, também músico, e figura central da cultura dos anos 50, Boris Vian, e ainda Pedro Freitas Branco X Igor Stravinsky (contracapa).

Leonel Santos

Texto realizado com o auxílio precioso de uma das orgulhosas netas de João Abel Manta, Mariana, que gentilmente, também, nos cedeu os desenhos que a Hot News publica.



Boris Vian, ©João Abel Manta

A música da liberdade Ontem como hoje

Ao longo de 48 anos, não passou um único dia sem que alguém, em alguma parte do país, tivesse contestado o regime. O Estado Novo durou, mas a resistência na verdade nunca amainou: entre muitos outros, operários, intelectuais, estudantes, católicos e, de forma decisiva, militares colocaram fim a um regime que, de facto, se foi desmoronando sobre si próprio. A nossa transição para a democracia tem uma história longa e um momento fundador. E a história longa foi alimentada por um desejo de liberdade desde a primeira hora. Recordo isto pois a sociedade portuguesa foi encontrando espaços de liberdade, mesmo sob o jugo repressor; e foram esses espaços que, mais tarde, tornaram possível a entusiasmante revolução social que lançou as sementes da democracia portuguesa. A entrada do jazz em Portugal é parte desse caminho longo para a liberdade.

A ninguém pode escapar a inscrição genética dos navios negreiros, nem dos campos de algodão e da forma como, primeiro aí, numa distante Nova Orleães, confluíram cânticos tribais africanos, hinos religiosos e uma riqueza rítmica radicalmente inovadora. As cidades portuárias foram (são) espaços democráticos, de *crioulização* e encontro cultural e com naturalidade foi aí que o jazz ganhou a sua forma e assumiu a sua identidade. **Se a história do jazz se confunde com a história social do século XX e com a inauguração de um mundo novo, o jazz é também a música da liberdade, que se foi expandindo em vagas democráticas, um pouco por todo o mundo.** O Duke Ellington dizia, aliás, que "o jazz é um bom barómetro para a liberdade". Uma música com um ADN claro: formalmente arrojada, substantivamente comprometida e respeitadora da voz individual.

O jazz em Portugal tem uma história anterior à da nossa democracia. No *Hot Club*, fundado sintomaticamente no pós-guerra, quando o país sonhou com um vislumbre de democracia com a promessa insidiosa de "eleições tão livres como na livre Inglaterra", mas, também, no mesmo momento em que a tecnologia tornava possível álbuns com faixas mais longas, dando espaço à liberdade da improvisação e escancarando as portas para a revolução veloz do *Bebop*. No espaço universitário, com círculos culturais cada vez mais abertos ao século XX. E, claro, nesses momentos míticos que foram as primeiras edições do Festival Internacional de Jazz de Cascais, quando o regime já ruía, e, entre outros, o Miles Davis, com a sua precisão genial, questionou as hierarquias raciais e o Charlie Haden afrontou o anacronismo colonial. Por essa altura, já ficava claro que o jazz dava o tom e, ainda que se insinuando nas margens, era mesmo a forma das coisas que viriam a seguir.

Mas que ligação terá esse passado, que parece já perdido, com a nossa sociedade de hoje? Se o jazz ajudou a preparar o terreno para a nossa democracia, 50 anos depois, mantém o seu papel primordial: um reduto de liberdade individual, uma música viciante, comprometida socialmente, e aberta à exploração criativa. O "jazz é cultura", para recuperar o mote do primeiro Cascais Jazz, mas é acima de tudo democracia. Afinal, não há outra expressão artística, ao mesmo tempo, tão comprometida com a liberdade individual e com o compromisso coletivo como o jazz. Uma combinação singular e de valor inestimável. Ontem, como hoje.

Pedro Adão e Silva

Jornalista, sociólogo, Ministro da Cultura do XXIII Governo da República Portuguesa, comissário executivo das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril.



International Sweethearts of Rhythm

Jazz Liberdade e Democracia e mulheres

Um rol de perguntas

A pergunta que está sempre no ar e tem dezenas de respostas muito diferentes.

Porque há poucas mulheres no jazz? Será importante?

Há músicas de jazz extraordinárias, compositoras, instrumentistas.

Será a quantidade uma questão?

E é só na música jazz que esta questão se levanta?

No rock não é a mesma coisa?

Neste século XXI, pelo menos no nosso pequeno mundo "ocidental", as mulheres já sabem que podem escolher fazer ou não fazer o que quiserem e da maneira que quiserem. Podem escolher qualquer profissão, inclusive profissões fisicamente exigentes, que até há uns anos se entendiam por masculinas, unicamente porque as mulheres tinham menos força física. Agora há ginásios por todo o lado, há mulheres a praticar boxe, lançamento de peso, a conduzir gruas e camiões.

Penso que as mulheres sempre escolheram o que queriam fazer só que o faziam na sombra; agora já se mostram, independentemente de ainda sofrerem pressões por isso. Mas as mulheres são muito corajosas e teimosas (claro que, se falássemos de homens, diríamos persistentes... sim ainda há isso, mas deram-me pouco espaço para escrever e não sou muito boa nisto).

Depois de muitas conversas e leituras, ao longo de muitos anos, com homens e mulheres do jazz, músicos, músicas, produtores, técnicos e agentes, profissionais, amadores e amantes do jazz, percebo que há muitas mulheres que adoram jazz, muitas mulheres a trabalhar para o jazz, como agentes, roadies e muitas músicas de jazz, umas melhores, outras nem tanto. Exactamente como os homens.

Alguém quer estudar este rácio?

Também já me atrevi a perguntar a algumas músicas porque tocam um instrumento e não outro. Levei com arregalar de olhos e um “Porque é o que quero fazer, o que gosto de fazer e o que sinto que sou boa a fazer”.

Quanto ao rol de perguntas sem resposta, algumas parecem-me saídas de romances do século XIX porque já nem deviam ser uma questão:

Há um sistema patriarcal no jazz que influencia a escolha das mulheres?

Se há, está em vias de extinção; lamento, patriarcas.

Será que o preconceito em relação às músicas tocarem alguns instrumentos se mantém no subconsciente apesar de a razão se tentar sobrepor?

Já falei nisso acima: se uma mulher quiser tocar bateria, vai tocar. Nas orquestras clássicas e filarmónicas há mulheres a tocar quase tudo.

Será que as mulheres ainda não têm coragem para suportar o escrutínio permanente?

Já foi tempo. A maior parte das mulheres, e continuo a falar no nosso pequeno mundo “ocidental”, já não se incomoda com o escrutínio.

É por falta de referências do passado?

Há bem poucas décadas, a percentagem de mulheres no ensino superior era mínima e isso não impediu as mais recentes gerações de mulheres de inverterem o instituído e invadirem as universidades.

É o imprevisto que as demove porque as expõe?

As mulheres estão sempre a improvisar em todas as áreas da vida e a exposição faz agora parte da vida de todas nós, finalmente! Podemos falar abertamente de menstruação, menopausa, sexo, etc.

Já agora, não querendo desviar-me do assunto, algum de vocês alguma vez percebeu se uma mulher, quando em palco, está com TPM ou menstruada? Eu não. As mulheres são corajosas.

Liberdade e democracia.

Em termos da escala da história, a liberdade e democracia são coisa muito recente e muito diferente de caso a caso, de assunto em assunto, dependendo da zona geográfica, quer ao nível nacional quer ao nível planetário, no modo como se discute e implementa.

No que concerne a mulheres a liberdade é uma coisa relativa, em algumas partes do mundo não existe ou é um infante de cueiros que tem predestinados futuros muito diferentes.



Carla Bley, ©Klaus Muempfer



Mary Halvorson, ©Julian Parker-Burns

Mas no nosso cantinho à beira-mar a democracia e liberdade, principalmente das mulheres, já anda na escola e as mulheres já se apoderaram dela, denunciam abusos, impõem as suas opiniões, viajam sozinhas, exercem a profissão que querem, vestem o que lhes apetece, casam se lhes apetece e têm filhos se lhes apetece. E quando alguém se atreve a dizer que as mulheres não foram “feitas” para isto ou aquilo, recebem mais uma vez um arregalar de olhos incrédulo.

Claro que ainda há na memória colectiva (genética talvez), a premissa de que bonito, bonito, nas classes mais favorecidas era saberem tocar piano e falar francês (coisa que se arrasta desde os saraus nos solares do século XVII), ou que as mulheres virtuosas deviam tomar conta da casa e da família, neste caso, preconceito transversal a todas as classes.

Claro que ainda há desigualdade de salários e outras questões sociais, mas, caramba, desde os anos 80 já crescemos muito, e a este ritmo (para os jovens parece uma eternidade) estamos quase lá.

Quanto ao Jazz, Liberdade e Democracia, o primeiro não funciona sem os outros dois e as mulheres no jazz, muitas ou poucas, têm a liberdade de escolher o que querem fazer no jazz; quando o fazem, fazem e fazem diferença, assim como os homens. Melhores ou piores, que façam muito jazz é o que importa na verdade.

Cristina Marvão, documentarista, designer, Directora do Eixo do Jazz



Melba Liston

As portas que o Cascais Jazz abriu

Agora que se comemora a passagem dos 50 anos do Cascais Jazz de 1971, que, na minha condição de cascalense, vivi como jornalista, sendo nessa altura também um dos cantores políticos activos, vale a pena recordar a personalidade de Luís Villas-Boas, o organizador do evento, que também foi dirigente sindical socialista da CGTP e um homem cosmopolita que cedo percebeu o talento de cantores como Fernando Tordo, Paulo de Carvalho e Carlos Mendes.

Ligado durante muitos anos a uma companhia de aviação, conhecia bem Nova York, que visitava com regularidade e onde conheceu os grandes intérpretes do jazz. Ainda sob a pressão da ditadura, trouxe a Portugal alguns dos melhores, apesar do apertado controle da PIDE.

Recordo-me do seu humor implacável, do seu elevado grau de exigência e também da certeza de que Cascais, onde tinha o bar "Luisiana", era o cenário certo para esta aposta.

Morreu amargurado e sem memória, mas o seu Cascais Jazz deixou aberta a porta para a liberdade que chegaria poucos anos depois. Miles Davis e Charlie Haden ficaram na nossa memória, entre outros. Luís Villas-Boas, foi o herói desses dias inovadores e intensos.

José Jorge Letria
In Correio da Manhã,
28 de Novembro de 2021

Terça-feira, 23 de Novembro de 1971

Pág. 7



Ornette Coleman, o astro do «free jazz»

Festival de Jazz em Cascais, promessa que durou dois dias

Cascais, não obstante o seu espantoso movimento turístico, é uma terra culturalmente (quase) morta. Ou para sermos mais exactos: uma vila (de reis e pescadores, dizem) onde, para além de meia dúzia de concertos estivais, de um ou dois cursos de música, promovidos pelo Município ou pela Junta de Turismo locais e um grupo de Teatro Experimental pouco acontece que seja digno de referência. Em compensação, o número de botões e bares ali existentes é bem revelador da rentabilidade do negócio, numa terra que apesar da relativa proximidade da capital não tem sequer uma livraria especializada.

Desta vez, porém não há, segundo cremos, motivo para grandes lamentações. Eu diria mesmo mais: é até caso para lançar foguetes, onde tal manifestação for consentida. Assim, sem mais nem quê, caiu ali, de bandeja como uma dádiva, um festival de jazz, que organizado em tempo record, conseguiu reunir, sem qualquer espécie de exagero os nomes mais importantes do jazz actual. O pavilhão gimnodesportivo da vila, cujas obras se encontravam interrompidas há mais de dois anos, foi o local escolhido. E uma vez feitas as contas e descontados os dislabores parece ter compensado palmente, ao esforço dos organizadores e da equipa que durante cerca de dois meses os auxiliou a vários níveis: desde a publicidade, à numeração das cadeiras a poucos minutos da actuação de Miles Davis.

Apesar de insuficientemente promovido (já que se não estou em erro, Portugal não é só Lisboa...) o festival de Cascais conseguiu, segundo nos informou Vilas-Boas, atrair pessoas da Espanha, França, e Bélgica. Com efeito, anónimos entre a assistência, havia «jazzómanos» de Bordéus, de Salamanca, Braga e congéneres, é que, segundo me parece, não havia muitas presenças a registar. Resta-nos a esperança de que isso seja apenas consequência de problemas com os transportes. Ou talvez não. Temos direito de ficar na dúvida...

tução? E éramos todos nós os acusados.

Quem é que não gostou da belíssima sonoridade de Dexter Gordon, o músico de Los Angeles premiado pela revista «Down Beat», que no palco do Pavilhão deu uma verdadeira lição de jazz?

Quem é que não ficou boquiaberto com os Giants of Jazz ou com Phil Woods? E estava tudo ali mesmo à mão de semear, como um convite, como um desafio à sensibilidade das pessoas. Como uma acusação à sua longa (e irremediável) apatia.

bem porquê. Muita da gente nova ali presente neste fim de semana já esteve no Estoril em Setembro de 70 (como testemunha activa do fracasso) em Vilar de Mouros em Agosto de 71. São no fundo sempre as mesmas caras, sempre os mesmos aplausos sempre a mesma dolorosa expectativa. Também não há muito por onde escolher: o país é pequeno e sofre dum complicado fenómeno de macrocefalia. Aliás, nem o desconto de 50 por cento em vigor, para menores de vinte e um anos conseguiu ser verdadeiramente encorajador.

por José Jorge Letria

Nas bancadas predominava a juventude. Uma certa juventude, entenda-se. Na quase totalidade, universitários e alunos do ensino médio, que se reuniram com uns amigos, compraram bilhete (está aí a principal limitação deste festival) e foram até Cascais «ver o que é que aquilo dava». Muitos deles nunca tinham ouvido falar em Miles Davis ou em Dizzie Gillespie, ou tinham apenas uma vaga ideia de que esses senhores tocavam qualquer coisa, algures, não se sabe

As pessoas que podem pagar as manifestações culturais que por cá se realizam, continuam (mesmo com desconto e tudo) a ser muito poucas. E é pena.

E preciso divulgar o jazz e com ele muitas coisas igualmente importantes.

BOM SINAL

Até me custa a acreditar que estou aqui — dizia atrás de mim um espectador de pouca idade, e acrescentava — parece que estamos no estrangeiro. O melhor é ir buscar o

passaporte a casa». De facto após as espantosas actuações de Phil Woods e dos «Jazz Giants» no segundo dia de festival, tivemos por escassos momentos a nítida sensação de que não era aqui que estávamos. Nada do que ali se passava tinha a ver com a realidade que pensamente nos cerca. Mas nem por isso deixou de ser uma realização extremamente positiva, cuja reedição se aguarda com justificada expectativa.

O que é necessário doravante, é que as pessoas passem a entender o jazz, ao nível das preferências musicais, como uma necessidade e não como um luxo de fim de semana. Eu bem sei que os bilhetes são caros e os discos do género ainda mais. Mas em relação aos bilhetes talvez o problema se venha ainda a resolver, pois, se há bancos que cobrem as despesas é provável que em nome da cultura popular (?) estejam também dispostos a aumentar a verba de modo a suavizar o preço dos bilhetes.

É importante que as pessoas se comecem a reunir para ouvir música, para conversar sobre música ou apenas para conversar...

Foi encorajador ver cerca de oito mil pessoas de mãos erguidas a aplaudirem Ornette Coleman ou os «Jazz Giants». Já é um bom sinal. Claro que a juventude deste festival é a dos outros festivais, a que tem os meios indispensáveis para pagar a música que ouve.

Mas se essa começar a movimentar-se já é um óptimo princípio. Com isto fica quase tudo dito.

Uma coisa mais apenas: bem ou mal o jazz acaba de conquistar cá na terra através do importante contributo que foi este festival, uns largos milhares de adeptos que tão depressa não se hão-de esquecer do que se passou no último fim de semana em Cascais. O pior é se é só o turismo a lucrar com isso. Esperemos que não.



Miles Davis electrizou a plateia de Cascais

UM NOVO CINEMA

A realidade que penosamente nos cerca

Cinquenta anos depois do Cascais Jazz, José Jorge Letria recordava, num artigo publicado no Correio da Manhã, «As portas que o Cascais Jazz abriu». E poderá parecer estranho, para os mais jovens, que um festival de música acontecido dois anos e meio antes tenha tido alguma coisa a ver com a queda do regime ditatorial de Salazar e Caetano.

Amplamente noticiado em todos os órgãos de informação, o 1.º Festival de Jazz de Cascais, organizado por Luís Villas-Boas reuniu, em apenas um fim-de-semana, Miles Davis, Ornette Coleman, Dizzy Gillespie e os Giants of Jazz, Phil Woods e Dexter Gordon, e terá sido porventura o evento cultural «não oficial» mais coberto em toda a ditadura. Mas ele foi muito mais do que um evento musical, mesmo se ele foi único e irrepetível (e tê-lo-ia sido em qualquer parte do mundo), e ele foi um evento social de enormes repercussões. Aos jornalistas e a toda a gente da cultura, entre Amália Rodrigues, Zeca Afonso, aos políticos e aos que o viriam a ser, juntava-se uma plateia de quinze mil jovens descontentes com a situação política. Os jovens ansiavam por democracia e contestavam a guerra colonial, e o jazz, pelas suas origens remotas, parecia saber escoar o anseio de liberdade. O episódio de Charlie Haden, dedicando um dos temas aos movimentos de libertação de Angola, Moçambique e Guiné, veio dizer a quinze mil jovens que não estavam sozinhos, e que o mundo tinha os olhos postos neles.

Toda a gente discutia jazz e escrevia sobre jazz e os jornais dedicaram-lhe páginas e páginas durante semanas. Claro que o

mediático José Duarte era um dos colunistas assíduos, mas Raul Vaz Bernardo, Paulo Gil, Jorge Lima Barreto, Manuel Jorge Veloso ou Raul Calado eram também convocados a escrever, mas havia textos dos insuspeitos Maria Lamas, Vítor Silva Tavares, Manuel de Lima ou Dinis de Abreu, entre inúmeros outros.

A censura escrutinava metodicamente os jornais, mas não era possível ler tudo (e os censores não eram conhecidos por serem pessoas cultas e nem bem sabiam do que é que se falava), e alguns textos iam passando na peneira. Numa significativa reportagem para o Diário de Lisboa, «Festival de Jazz em Cascais, promessa que durou dois dias», escrevia José Jorge Letria: «...tivemos por escassos momentos a nítida sensação de que não era aqui que estávamos. Nada do que ali se passava tinha a ver com a realidade que penosamente nos cerca.»

Novembro de 1971, Festival de Jazz de Cascais, espaço de liberdade, quinze mil pessoas puderam, durante dois dias, falar abertamente sem os «bufos» por cima do ombro, ou sem medo dos bufos; puderam, durante dois dias, experimentar a liberdade, antecipando a revolução que viria a eclodir em 25 de Abril de 1974.

O caso Charlie Haden

A história já foi contada e recontada: aquando do primeiro Cascais Jazz, em 1971, actuava o quarteto de Ornette Coleman (Ornette, Dewey Redman, Ed Blackwell e Charlie Haden), quando o contrabaixista se aproxima do microfone para apresentar a composição seguinte, «Song for Che», dedicando-a aos movimentos de libertação de Angola, Moçambique e Guiné, ao que se seguiu uma estrondosa ovação que se prolongou por uma eternidade.

No dia seguinte ao concerto, quando iniciava a viagem de regresso, Charlie Haden tinha a polícia política à sua espera no aeroporto para uma viagem grátis até à Rua António Maria Cardoso, onde seria interrogado pelo "Excelentíssimo Inspector-Adjunto, Senhor Carlos Lopez Velloso" da PIDE/DGS.

De acordo com o relatório elaborado, a noite terá sido produtiva. O «excelentíssimo» quis saber se Charlie Haden tinha sido bem recebido em Portugal, e perante a resposta afirmativa, ele quis saber, ofendido, porque tinha feito declarações que ofendiam Portugal. O músico retorquiu-lhe que tocou a canção «Song for Che» porque o faz em todos os concertos, e que se soubesse que iria causar transtornos não a teria tocado nem «feito a dedicação», do que se declarava arrependido. Charlie Haden estava claramente divertido, e o «excelentíssimo» realmente zangado, também, provavelmente pela impotência.

Algumas horas depois, relata outro documento, apresentaram-se na sede da PIDE/DGS o 1.º Secretário da embaixada dos EUA, o Sr. Conlen, e o adido Sr. Gomez, que lamentaram o incidente que atribuíam à ignorância do músico da situação do país, julgando não ter havido intenção na atitude tomada.

Posteriormente o músico terá tido direito a escolta para o aeroporto, tendo partido para Londres no voo das 9 da manhã.

O episódio deixaria uma marca indelével nos milhares de jovens que compunham a assistência, até pela coragem de alguém se expressar publicamente contra o colonialismo, que era um dos pilares do regime do Estado Novo. Mesmo que Charlie Haden fosse um cidadão americano, e tivesse a noção de que seria, de certa forma, intocável.

Por este episódio Charlie Haden granjearia de uma popularidade que ultrapassava em muito a música, e que é política, como um amigo da liberdade e de Portugal.

Como nota final, conta José Duarte que a dedicatória nasceria de uma conversa tida entre os dois.

Os documentos da PIDE/DGS aqui revelados pertencem ao espólio da Torre do Tombo.

Leonel Santos, crítico de jazz

DIRECÇÃO-GERAL DE SEGURANÇA

Torre do Tombo

AUTO DE DECLARAÇÕES

Aos vinte e um dias do mês de Novembro do ano de mil novecentos e setenta e um, nesta cidade de Lisboa e Sede da Direcção-Geral de Segurança, onde se encontra o Excelentíssimo Inspector-Adjunto, Senhor Carlos Lopez Velloso, estando presente Manuel Garcia da Costa Junior, servindo de intérprete, comigo João Evangelista Gomes, ambos agentes da mesma Direcção-Geral, aqui compareceu o cidadão americano de nome **CHARLES EDWARD HADEN**, casado, músico profissional, nascido em seis de Agosto do ano de mil novecentos e trinta e sete, natural de Iowa, Estados Unidos da América, filho de Carl Haden e de Virginia Haden, residente em Nova Iorque e portador do passaporte número, letra B traço um milhão seiscentos e quinze mil setecentos e noventa e seis, emitido em três de Julho do ano de mil novecentos e setenta e um na cidade de Nova Iorque.

A MATÉRIA DOS AUTOS E CONVIDADO A DECLARAR se faz parte do quarteto **HORNET COLEMAN** e qual a sua posição dentro do mesmo, declarou: -Que, efectivamente faz parte do referido quarteto, tocando o instrumento de contrabaixo.

CONVIDADO A DECLARAR se foi bem recebido em Portugal e aqui achou ambiente favorável à sua visita, declarou afirmativamente.

CONVIDADO A DECLARAR uma vez que foi bem recebido no nosso País, qual o motivo porque já durante a viagem no avião, abordou assuntos referentes aos movimentos africanos desfavoráveis a Portugal e durante a sua actuação em Cascais dedicou uma canção escrita por ele próprio intitulada "canção para o CHE", aos movimentos africanos de independência, declarou: -Que durante a viagem apenas conversou com os colegas do conjunto falando

Mod. 3 - 100 000 ex. - T. E. C. P. L.

polémica gravemente, entre eles, uma sobre a guerra civil da Espanha, não abordou assuntos referentes aos movimentos de libertação dos povos da América Latina, que, durante a actuação do conjunto em Cascais, antes da noite, fez presente uma dedicação da sua canção para o "CHE", aos movimentos de libertação em toda a América e aos Estados Unidos, por que o faz sempre que o conjunto actua em qualquer país. Que, antes de chegar a Portugal, os organizadores do mesmo fizeram publicidade das reuniões e das actuações, sendo para isso, a imprensa portuguesa, já tinha conhecimento que se ia fazer a referida dedicação e a actuação expressamente por que o conjunto chegou a tardar. Que justifico a sua vontade a "canção para o CHE", porque a tem vindo a fazer em todos os países onde tem actuado, nomeadamente em Inglaterra, França e no Japão, onde já foi várias vezes precedida, mas que se sabe que isto lhe dá maior importância por se ser regresso não teria escrito a dita canção sem fazer a dedicação, mostrando-se arrependido pelo acto que praticou por desconhecer que afectava a paz entre os povos.

CONTINUA A DECLARAÇÃO de dois alguns entrevistados a jornalistas portugueses, em contactos com alguns da imprensa local, declarou: -Que durante a sua estadia em Portugal não contactou com ninguém da imprensa nem dos quaisquer entrevistados, tendo apenas mantido contactos com os organizadores do festival de jazz que, entre outros, um tal **PAUL** e o **VILLAGE**.

Que se receberam muito bem, convidando-o até a tomar algumas refeições juntos e pagando por elas, que, hoje ao chegar ao aeroporto teve conhecimento por intermédio dum tal **JOÃO** **CISSON** de nacionalidade francesa, agente artístico e organizador do festival de jazz em Cascais.

com o Secretariado Português de Informação e Turismo, que o festival de jazz que se realizou aqui à noite foi cancelado devido às reacções da parte mais jovem da assistência.

E mais não declarou. Lida as suas declarações e devidamente traduzidas pelo intérprete, e lidos os confins, ratifica e vai com ele assinar.

E para constar se lavrou o presente auto que vai assinado, ser assinado pelo Excelentíssimo Senhor Inspector-Adjunto e por mim agente servindo de secretário, que o Assessor-Geral e secretário.

D.G.S.

A DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS

Solicito que me sejam indicados os números de todos os processos, determinações que hajam sido publicadas em O.S., notadas e quaisquer outras anotações constantes nos registos de: **Charles Edward Haden**

NACIONALIDADE **Americana** Profissão _____

Nascido em _____, em _____

Residente ou hospedado em _____

Entrado em _____, por _____ Saído em _____, por _____

Lisboa - OI(2), 24/11/71

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,

(A preencher pela D.S.E.F.)

PROCESSOS:

VISTOS

INDIVIDUAL

CRIME

RESERVADO

O. I. P. C.

OUTROS

Lisboa, 24/11/71

Existem 3 A. de mesmo nome. Baseou-se sobre a 61837. 2º colocado do grupo pelo nº 3/615796. Então que Edward a 14/11/71 (assp) o abg. - se o abg. 2º colocado - Cascais na véspera de 24/11/71

Dois CD, dois olhares inquietos sobre o mundo, Charlie Haden e Carla Bley

Charlie Haden — *The Ballad of the Fallen*

A 20 de novembro de 1971, durante o primeiro Festival Internacional de Jazz de Cascais, Charlie Haden (1937-2014), membro do quarteto de Ornette Coleman, faz disparar os sismógrafos ao, numa atitude premeditada, dedicar o tema "Song for Che" aos movimentos de libertação de Angola, Moçambique e Guiné. Esse momento foi marcante no processo inexorável de viragem da cultura e da sociedade portuguesas rumo à Revolução de Abril. Genial contrabaixista e homem de inabaláveis convicções políticas, Haden incluiu o tema no álbum de estreia da Liberation Music Orchestra, gravado em 1969 e editado pela Impulse! Será preciso aguardar uns anos até que Haden reative a formação como denúncia ao apoio da administração Reagan à direita de El Salvador e aos "contras" na Nicarágua. E isso aconteceu com "The Ballad of the Fallen", de novo com arranjos de Carla Bley, gravado em novembro de 1982 e lançado no ano seguinte pela ECM.

O disco deve o seu título a um poema encontrado no bolso de um estudante assassinado pela Guarda Nacional durante a operação que pôs termo à ocupação da Universidade de El Salvador. Haden olha também para a revolução portuguesa e presta-lhe tributo com uma versão de "Grândola, Vila Morena", de José Afonso. Os muito emotivos temas que abrem e fecham o álbum são uma homenagem ao povo catalão e à sua luta pela independência: "Els segadors" (em português, "Os Ceifeiros") é o hino nacional de Catalunha e "La Santa Espina" uma sardana, dança de roda cujas origens parecem remontar ao século XIII. Do Chile chega "El pueblo unido jamás será vencido" e, como no disco anterior, é de novo recordado o conflito espanhol com "Si me quieres escribir" e "La Pasionaria". "Too Late", dueto entre Bley e Haden, continua a ser um raio de luz em tempos plúmbeos.

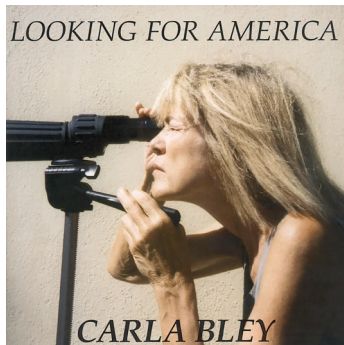
Charlie Haden/Carla Bley Liberation Music Orchestra, "The Ballad of the Fallen" (ECM, 1983)

Carla Bley — *Looking For America*

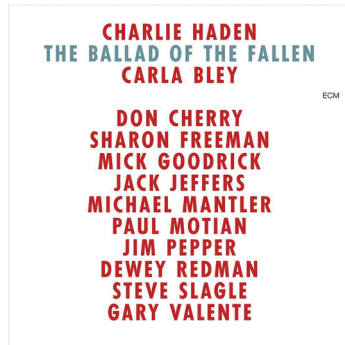
Carla Bley é uma das grandes senhoras do jazz contemporâneo. Looking For America, composto e gravado no rescaldo do 11 de Setembro, é um olhar irónico e crítico sobre a América conservadora, retrógrada e incendiária. Era perigoso questionar os porquês do 11 de Setembro em 2002, e não deixa de ser curioso que, mais de vinte anos depois, este olhar sobre a América pareça ganhar pertinência.

Looking For America é um retrato também musical da América, com referências a tudo, desde o Star Spangled Banner às brass bands, à folk e ao country e à pop, envolvidos num turbilhão de ideias e formas sempre em mutação; humor e surpresa atrás de surpresa. Looking For America é um olhar lúcido sobre as américas, política, social e musical, dirigido por uma genial compositora. Depois a orquestra: os músicos da orquestra de Carla Bley são la crème de la crème, mas também eles revelam a líder que Carla Bley é. Eles são aqueles músicos e os arranjos que ela produz destinam-se exactamente a eles, à boa maneira ellingtoniana. Uma das grandes obras de Carla Bley! Carla Bley faleceu no ano passado. Tinha 87 anos.

Carla Bley, "Looking for America" (Watt, 2003)



a.



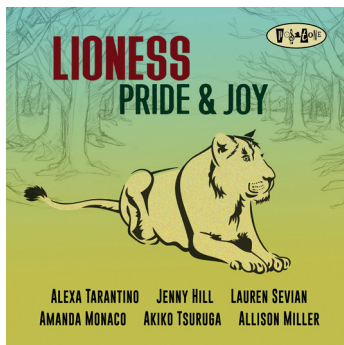
b.



c.



d.



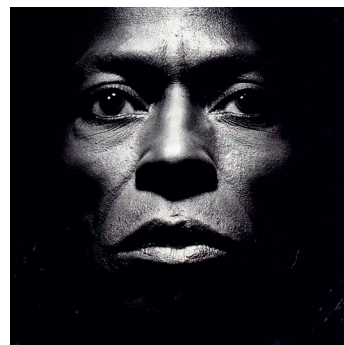
e.



f.



g.



h.



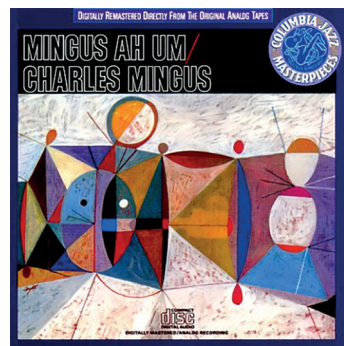
i.



j.



k.



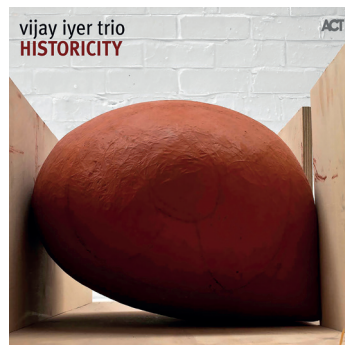
l.



m.



n.



o.



p.



q.



r.

- a. Carla Bley, *Looking for America*, Watt, 2003
- b. Charlie Haden/Carla Bley Liberation Music Orchestra, *The Ballad of the Fallen*, ECM, 1983
- c. Jazz at Lincoln Center Orchestra Septet with Wynton Marsalis, *The Democracy! Suite*, Blue Engine Records, 2021
- d. Billie Holiday, *Strange Fruit Commodore*, 1939
- e. Lioness, *Pride & Joy*, Positone, 2019
- f. Archie Shepp, *Things*, 1971/1959
- g. Max Roach, *We Insist*, candid 1960
- h. Miles Davis, *Tutu*, 1986
- i. Carlos Martins, *Sempre*, 1999
- j. Mário Laginha e Bernardo Sasseti, *Grândolas - Seis Canções e Dois Planos nos Trinta Anos de Abril*, 2004
- k. Duke Ellington, *Money Jungle*, 1963
- l. Charlie Mingus, *Mingus Ah Um*, Columbia, 1959
- m. Terri Lyne Carrington, *Money Jungle Provocative in Blue*, Mosaic, 2013
- n. Jason Moran, *Ten*, Blue Note, 2010
- o. Vijay Iyer Trio, *Historicity*, ACT, 2009
- p. Henri Texier Strada Sextet, *(V)ivre*, Label Bleu, 2004
- q. Ambrose Akinmusire, *When The Heart Emerges Glistening*, Blue Note, 2011
- r. David Bowie Pat Metheny Group, *The Falcon and the Snowman (This is not America)*, EMI, 1985

Os direitos humanos, os direitos cívicos, as mulheres, a democracia e a liberdade nos discos de Jazz

Entrevista a José Soares

Presidente do Hot Clube de Portugal
de 1975 a 1977

Havia muito voluntarismo...

Em primeiro lugar, a pergunta sagrada:

Onde é que estavas no 25 de Abril?

(risos) Ora, no 25 de Abril eu estava em Lisboa. Eu já contei a história: nessa noite de 24 para 25 de Abril nós tivemos uma reunião até muito tarde.

Eu ainda não estava na direcção em 74, mas nessa altura havia muito voluntarismo e o Paulo Gil queria mudar muitas coisas no Hot. O Paulo Gil era o presidente, e ele era também o «homem da rádio».

O Paulo Gil tinha uma gravação essa noite e saiu a correr. Quando chegou à emissora a porta estava fechada e ele tocou a campainha. Passado um bocado ouviu uma voz vinda de cima:

- Faz favor...?
- Isto está fechado?, perguntou.
- Estão à minha espera para fazer uma gravação...
- Estavam! Vá indo, vá indo, e ligue o *Rádio Clube*¹ para ouvir o que se está a passar. (risos)

O que aconteceu nos dias seguintes ao 25 de Abril? Como era o espírito depois da revolução?

Havia uma enorme euforia por tudo o que se estava a passar e muitas perguntas:

- Como vai ser a partir de agora?
 - Que forças políticas vão aparecer?
 - Que é isto dos militares no comando do processo revolucionário... e entretanto a explosão de actividades políticas.
- Uma euforia desatada.

No Hot também?

Não propriamente do Hot, mas de malta que estava no Hot.

Tinha o Hot como uma actividade porque gostava de jazz, *mas tínhamos outras actividades que nos chamavam. As coisas aconteciam a um ritmo alucinante*

e toda a gente tinha imensa coisa que fazer. Eu, por exemplo, na altura já tinha terminado o curso de psicologia e em pouco tempo estava na direcção do sindicato dos psicólogos.

E como é que foste parar à direcção do Hot?

O Paulo Gil era o presidente no 25 de Abril. Não me lembro quem era o resto da direcção, mas acho que o Duarte (Mendonça) era o tesoureiro. O Paulo sempre tinha dito que «queria mudar umas coisas»

e depois do 25 de Abril ele começou a falar em democratização. As coisas no Hot tinham começado a mudar depois do Cascais Jazz (1971), acho. A certa altura, já depois do 25 de Abril, o Zé (Duarte) telefona-me e diz:

“Vamos concorrer, porque o Paulo (Gil) quer fazer uma mudança e é giro, *é a democratização do Hot...*”. E eu comecei a pensar, bom, talvez...

A verdade é que eu tinha muitas dúvidas quanto ao Hot. Eu tinha vindo parar ao jazz aos 16 anos através do CUJ², que era um clube muito mais activo e politizado, também.

O Hot tinha, para mim, uma imagem muito negativa, aquela da cave da catedral do 39, que a gente descia e via uns senhores muito doutos, muito doutores, muito engenheiros que estavam para lá, ouviam música, umas miúdas, e tal, mas actividades de divulgação, não.

O Hot tinha audições de discos, sim, mas era um universo limitado. Havia audições, discussões, e isso tudo, mas no CUJ falava-se de tudo e de política também. Era uma diferença radical do que era a actividade do Hot naquela altura.

Havia discussões muito interessantes, mas havia discussões muito parvas também. Lembro-me de uma discussão entre o Manuel Jorge (Veloso) e o Zé (Duarte) sobre se o Dave Brubeck tinha ou não tinha mensagem (risos.) Eu pensava: “mas o Brubeck é um músico do outro mundo, um pianista do caraças”, e «Take 5» acho que é uma obra icónica do jazz, daquela época, pelo menos.

Estiveste na direcção com o Zé Duarte...

O Zé Duarte ficou na minha direcção e eu queria o Paulo Gil também, que andava muito ocupado. Isto foi no final de 74 ou no início de 75. Apanhámos o PREC todo.

Foi o Zé que me fez sócio, em 74. Depois zangou-se, deixou de ser sócio, eram muito frequentes essas zangas... Sabes como era o feitio dele...

Há uma história engraçada. Numa reunião, ainda na direcção do Paulo Gil, em que estávamos a discutir a programação do Hot, o Paulo Gil disse-nos que estava interessado em continuar na direcção do Hot, mas não como presidente: “tenho imenso que fazer na Valentim de Carvalho, só posso fazer uma coisa que não obrigue a estar em permanência aqui. Posso ficar, por exemplo, como tesoureiro”. Ficámos todos parvos, nunca ninguém queria ficar com as contas, e eu ajoelhei-me em frente ao Paulo e disse: “repete, por favor, é para ti a tesouraria vamos todos votar para seres tesoureiro”.



Nós candidatámo-nos à direcção do Hot com um programa: democratizar e abrir. Era eu, o Dario Romani, o Francisco Almeida, o Rui Martins, o João Paulo Bessa, o Zé Duarte, o Zé Eduardo Conceição Silva, o Rui Cardoso colaborava quando podia... Esta era a «direcção de Abril». Ficámos dois mandatos, de 75 a 77, quando entrou o Rui Martins, que completou a abertura do Hot. Foi com ele que começámos a pensar que não havia solução para o jazz em Portugal a não ser que houvesse uma escola. E foi depois ainda, na direcção de Rui Martins que, com o Zé Eduardo, que teria uns vinte anos na altura, e o David Gausden, se criou o primeiro embrião da escola do Hot...

A «abertura do Hot», o caminho para a modernidade.

E não houve resistência à mudança? O Hot era um clube fechado... como dizias...

Creio que sim, mas não era muito declarada. Quem se opunha mais à abertura era o Villas, mas o Villas era um tipo frontal, dizia tudo o que tinha para dizer, dava a cara, e também quando perdia aceitava e não torpedeava.

O Luís Villas Boas opunha-se:

- "que é isso de abrir o clube?"

- Abrir o clube a toda a gente que queira, sejam ou não sejam sócios, respondíamos.

Um dia o Chico (Almeida) teve uma piada numa reunião com o Villas. Dizia ele "vocês abrem o Hot e isto vai ficar cheio de marginais". Respondeu-lhe o Chico: "os marginais são os gajos da margem sul? A gente quer esses gajos cá, venham os gajos todos ouvir jazz".

Sempre tivemos imenso respeito pelo Villas que nunca deixou de ser presidente honorário do Hot Clube.

Se os velhinhos estavam renitentes, estavam para dentro, porque não se manifestavam. Quem falava era o Luís Villas Boas: "Que é isso de abrir?, vem para aí o refugio todo..." E de facto algumas vezes entravam gajos esquisitos, mas era inevitável.

Mas acho que muitos velhos sócios deixaram de aparecer quando o Hot deixou de ser um «clube reservado».

Houve uma reunião em que eu disse: "meus caros senhores, eu não abracei este projecto para dizer que sou presidente, o que me interessava era ver este clube cheio de sócios, e eles não aparecem. Este clube enche-se de pessoas que não são sócias, e que vêm ouvir os músicos que aqui estão: o Rão Kyao ou os Araripa, que eram o Zé Eduardo, o Emílio Robalo e o João Heitor.

Havia muito voluntarismo nesse tempo, dizias há pouco.

Nós fazíamos tudo, como sabes a direcção do Hot, pelos estatutos não é paga, e nós fazíamos de tudo. Eu estava ao bar com o João Paulo Bessa, a servir cervejas e lavar copos,

Nós fazíamos de tudo, se fosse preciso até as limpezas, aqueles eram tempos em que o jazz era uma missão.

Depois do início do programa do Hot Clube na Rádio Comercial, nós trabalhávamos de borla, e começámos a receber cartas e telefonemas a pedir para fazermos sessões de divulgação sobre o que era o jazz. E lá fomos pregar o verbo jazz por esse país fora...

Nós íamos com os nossos *disquinhos* de 33 rotações. A única coisa que pedíamos era que não podia ser um gira-discos de pilhas, tinha de ser um gira-discos a sério com colunas para a malta ouvir alguma coisa; era o mínimo. Queríamos que nos pagassem, ao menos, as deslocações e as estadias, mas muitas vezes ficávamos em casas privadas, na sala... Fiquei a dormir em sítios inimagináveis.

O Zé (Duarte) tinha uma colecção brutal de diapositivos, que devem estar agora na Universidade de Aveiro, que contava a história dos negros na América e do jazz, desde os navios negreiros às canções de trabalho, os negros acorrentados a abrir estradas e bolas de chumbo para não fugir... Tudo isto era projectado e nós focávamos muito a apresentação na base sociocultural e socioeconómica que está por detrás do desenvolvimento musical do jazz.

Na sequência destas sessões de esclarecimento chegámos até a organizar alguns concertos, e estivemos até para abrir delegações do Hot Clube em Beja e em Castelo Branco!

Havia concertos nessa altura?

Muito menos que hoje, mas gloriosos! No concerto do Charlie Mariano com o Jean François Jenny-Clark e o Aldo Romano, a bicha chegava ao Maxime. O Hot estava completamente esgotado e houve muita gente



que não chegou a entrar! Mas, para mim, o concerto dos concertos foi o Tete Montoliu. Mas estiveram cá o Gordon Beck, o Red Rodney e o Art Themen. Que foram a Castelo Branco!!!

Um dia, eu estava no Hot, toca o telefone, já não me lembro quem atendeu, que disse “está aqui um senhor para falar com o Zé Duarte por causa de um concerto”. Pego no telefone e ouço: “Boa tarde, daqui fala Curt Maier Clasen. Temos um grupo, o Albert Mangelsdorff, Pierre Favre, Joachim Kühn, Gunter Hampel. Eles estão a fazer uma digressão na América Latina e vão regressar à Europa, podem dar um saltinho aqui a Lisboa, o que diz?”.

Fiquei parvo: o Curt Maier Clasen era o dirigente do Instituto Alemão. Ele era reconhecido com um democrata e um homem de imensa cultura, de que o marcelismo não tinha gostado nada. “O que digo? Deixe-os ficar cá que a gente arranja qualquer coisa!” respondi-lhe.

Depois em colaboração com o Instituto Alemão, eles fizeram, não só apresentações em Lisboa e Cascais, como o Gunter Hampel ficou cá a dirigir um *workshop* para músicos portugueses! A custo zero! Em 75 o free-jazz estava na moda, mas aquele era um grupo de luxo! Há uma história engraçada com este grupo. Quando os alemães vieram, nós resolvemos oferecer-lhes o jantar no Sol Mar, ao lado do Coliseu, e quando entrámos, havia aquele enorme aquário, estava lá um lavagante gigante, e acho que foi o Gunter Hampel que disse: “ah, eu quero um destes.”

Quando veio a conta, era para o tesoureiro pagar, o Duarte Mendonça bufava, mas nós dizíamos: “mas já viste quem são estes gajos?, vêm tocar à borla!, o Mangelsdorff, o Joachim Kühn...”

Que programas de rádio havia em 74?

Nessa altura ouvia-se muito rádio. O Paulo (Gil) tinha um programa na Antena Um, havia os 5 Minutos do Zé Duarte, e acho que o Manuel Jorge Veloso já tinha o programa na Dois. Mais tarde, em 75, o Hot Clube teve um programa na Rádio Comercial que era muito ouvido que era «O Hot Clube de Portugal divulga o jazz». Era uma aventura porque nós não percebíamos nada de rádio, mas transformou-se num

instrumento de divulgação do jazz e do Hot Clube incrível! Aquilo era ouvido em todo o país! Acho que fiz para aí 95% dos programas. O primeiro foi para o ar em 3 de Agosto de 75.

Havia músicos nessa altura?

Começavam a aparecer: Havia o Pinho Vargas com o Zé Nogueira e o Barreiros, o Rão Kyao, o Marcos Resende, o Araripa, e o Paulo Gil e o Manuel Guerreiro, e mais tarde o Mário Laginha e n portugues que começavam a aparecer: Mas não tem nada a ver com o que é hoje.

O que é achas que mudou no Hot?

Para já, o Hot deixou de ser um clube fechado e essa abertura nunca mais vai parar.

De facto, bom, agora está fechado... mas, seja como for, a abertura por que nós pugnámos e que já vinha da última direcção do Paulo Gil e foi continuada no Rui Martins, nunca mais acabou. O Rui Martins foi a ponte para a modernidade e depois veio a consagração com a escola com o Binau, que foi outro salto fundamental.

E com a escola mudou tudo, mudou a quantidade de músicos a tocar, e com um nível que não dá para acreditar. Miúdos a aparecer todos os dias, às centenas. Nesse tempo eram vinte ou trinta e muitos eram realmente fracos.

Tudo mudou, e ainda bem. O Hot Clube é hoje um grande clube. *Nunca vai acabar.*

Entrevista por Leonel Santos

1. Rádio Clube Português, de onde foi emitida a maior parte da informação nessa noite da véspera do 25 de Abril. 2. Clube Universitário de Jazz de Raul Calado, fechado pela PIDE em 1963 3. Antena Um e Antena Dois. Os 5 Minutos de Jazz do José Duarte eram na Rádio Renascença.

Dia Internacional do Jazz

A capacidade do jazz para unir tradições díspares e identidades culturais

O Dia Internacional do Jazz surgiu a partir de uma proposta do pianista e compositor Herbie Hancock, que tinha sido nomeado *UNESCO Goodwill Ambassador* para o Diálogo Intercultural em 22 de Julho de 2011. Na altura ele argumentou num discurso dirigido aos responsáveis da UNESCO: “Por favor, reservem um momento e imaginem um dia por ano em que o jazz seja celebrado, estudado e tocado em todo o mundo durante 24 horas seguidas. Uma colaboração entre ícones do jazz, estudiosos, compositores, músicos, dançarinos, escritores e pensadores que abraçam a beleza, o espírito e os princípios do jazz, todos eles compartilhando livremente experiências e performances nas nossas grandes cidades e nas nossas pequenas cidades, por toda parte, nos nossos sete continentes.” E prosseguiu, dizendo: **“A música sempre serviu de ponte entre diferentes culturas; e nenhuma forma de arte musical é mais eficaz como ferramenta diplomática do que o jazz.”**

Em Novembro do mesmo ano a UNESCO designou oficialmente o 30 de Abril como o Dia Internacional do Jazz, de forma a chamar a atenção para o papel do jazz como embaixador da tolerância, compreensão e partilha entre as pessoas de todos os cantos do globo. Em Dezembro do ano seguinte a Assembleia Geral das Nações Unidas acolheu a decisão da UNESCO. A partir de então as Nações Unidas e a UNESCO reconhecem ambas o Dia Internacional do Jazz nos seus calendários oficiais.

Todos os anos, no dia 30 de Abril, esta forma de arte internacional é reconhecida por promover a paz, o diálogo entre as culturas, a diversidade e o respeito pelos direitos humanos e pela dignidade humana; erradicar a discriminação; promover a liberdade de expressão; promover a igualdade de género; e reforçar o papel da juventude na promulgação da mudança social.

O Dia Internacional do Jazz é presidido e liderado pelo Diretor Geral da UNESCO e por Herbie Hancock, em parceria com o Herbie Hancock Institute of Jazz. O Instituto é a principal organização sem fins lucrativos encarregada de planear, promover e produzir esta celebração anual.

E, de facto, o Dia Internacional do Jazz reúne comunidades, escolas, artistas, historiadores, académicos e entusiastas do jazz em todo o mundo para celebrar e aprender sobre o jazz e as suas raízes, futuro e impacto; sensibilizar para a necessidade de diálogo intercultural e de compreensão mútua; e reforçar a cooperação e comunicação internacionais. As celebrações ocorrem em mais de 190 países e

compreendem as mais diversas actividades, desde sessões de jazz em escolas, masterclasses, conferências, concertos, etc. Seguramente, pode dizer-se que não há nenhum dia do ano em que se fale e toque mais jazz que a 30 de Abril. O site oficial deste dia – www.jazzday.com – disponibiliza muito material e informação para utilização não só neste dia, mas também durante todo o ano. Lá qualquer pessoa ou instituição que leve a cabo um evento relacionado com a celebração do Dia Internacional do Jazz, sejam cursos, aulas temáticas, concertos, etc., pode inscrever esse evento, e a informação fica disponível e acessível a toda a gente em todo o mundo. Essa lista é impressionante e a sua consulta acaba por ser muito esclarecedora da força do jazz em todo o mundo (do Afeganistão ao Gabão, passando pelo Quirguistão, Moçambique, Papua-Nova Guiné ou Cuba) e, naturalmente, muito inspiradora.

Para cada ano é escolhida uma cidade imbuída de um rico significado histórico representando a capacidade do jazz para ligar tradições e identidades culturais díspares, que será a Cidade Anfitriã (Paris, New Orleans, a sede da ONU em New York, Istambul, Osaka, Paris, Washington - White House, por convite do Presidente Barack Obama - Havana, São Petersburgo, Melbourne, Tânger) e na qual ocorrem inúmeras actividades relacionadas com o jazz, para além do All-Star Global Concert que todos os anos reúne aclamados artistas de jazz de todo o mundo para uma apresentação que abrange estilos, culturas e idiomas muito diversos. Este concerto reúne sempre músicos de vários países que tocam em conjunto, mostrando como o jazz é uma música de união e de liberdade. Nele podemos ver Abdellah El Gourd (Marrocos) ao lado de Claudia Acuña (Chile), Ambrose Akinmusire (USA), John Beasley (Director musical, USA), Richard Bona (Camarões), Moreira Chonguiça (Moçambique), Shemekia Copeland (USA), Antonio Faraò (Itália), Jazzmeia Horn (USA), JK Kim (Coreia do Sul), Femi Kuti (Nigéria), Magnus Lindgren (Suécia), Romero Lubambo (Brasil), Marcus Miller (USA), Yasushi Nakamura (Japão), Tarek Yamani (Líbano), etc., como aconteceu este ano. O concerto é sempre transmitido para todo o mundo através de várias plataformas.

Fontes: <https://www.unesco.org/en/international-jazz-day>; <https://jazzday.com>

José Ribeiro Pinto, engenheiro civil, radialista,
Director da Associação Cultural Angrajazz

Às voltas com Alegria



1. “Vontade indómita”, em inglês no original “The Fountainhead” é o título de um romance de Ayn Rand (1905-1982), uma escritora e filósofa nascida na Rússia que viveu nos Estados Unidos da América. Recusado por 12 editores até ser publicado em 1943, é a partir dele que King Vidor (1894-1982) realiza o filme com o mesmo nome, com banda sonora composta por Max Steiner (1888-1971). Um drama estreado nos cinemas em 1949, quando um primeiro grupo se começava a organizar e a música de Jazz se começava a ouvir pela Praça da Alegria, como conta a história de “Howard Roark (Gary Cooper), um arquitecto individualista e idealista, que é expulso da escola porque os seus desenhos não se enquadram no pensamento arquitectónico da época. Depois de algum tempo sem conseguir emprego, Howard começa a trabalhar com Henry Cameron (Henry Hull). Cameron partilha os mesmos ideais de Roark mas sofre de alcoolismo, dependência que acaba por matá-lo. Antes de morrer, diz a Roark que ele tem de se manter fiel aos seus ideais se não quiser acabar da mesma forma.” (Sinopse in CineCartaz, Público, 1998). Vivam os tempos em que a construção da liberdade é trabalho quotidiano, individual e colectivo em todos os domínios da sociedade, muitas vezes liderado por vontades e acções no domínio artístico, como as de Ayn Rand, num tempo em que alguém, no caso uma mulher, podia ser simultaneamente russa e americana e livre.

Várias são as histórias contadas à volta da casa do Hot Clube de Portugal.

Por onde andaram os seus sócios a juntar-se para ouvir e promover a música de Jazz, em que cave ou andar, com quantos compartimentos, com janelas, sem janelas, com rendas caras ou baratas, pagas com dinheiro das cotas ou com empréstimos de sócios quando outro não havia em caixa; desde o tempo em que ainda se ouvia Dixieland, mas o Bebop já dominava a cena musical norte americana e no horizonte começava a vislumbrar-se o Cool Jazz.

A casa do Hot Clube de Portugal assume diversas formas: uma sala onde o fumo dos cigarros adensa as notas musicais, com um gira-discos e meia-dúzia de cadeiras, depois já maior, com o mesmo gira-discos e outras cadeiras, com porta aberta para a rua e o chão a estender-se por vezes para a calçada do passeio, com alguns instrumentos a entrar pela porta e a passarem a residentes, depois com um pátio por onde a noite também entra e para onde o silêncio se prolonga no início de cada set, depois são mais salas, papéis e livros e vários instrumentos e pautas cheias de notas também musicais, e outros instrumentos, e gira-discos e amplificadores e microfones e cabos pelo chão, e por vezes sai de si e instala-se como um festival fora de portas e estrada fora, e nesses movimentos para de fora si e regressando a si vai deixando um rasto que começa mais ou menos ténue e que o tempo e a persistência tornam profundo.

O lugar geográfico mais íntimo da casa do Hot Clube de Portugal, o seu clube de Jazz onde os sócios e outros amigos e músicos se reúnem para celebrar e comungar uma paixão, é a Praça da Alegria, em Lisboa, mesmo que um edifício aí tenha ardido e colapsado, ou que outro aí esteja em risco de colapsar e por isso vazio a aguardar obras, num lugar que se constrói como parte da cidade e onde o quotidiano acontece ininterruptamente desde há várias centenas de anos, num pequeno chão de feira a meia encosta de um vale, antes entre muros de hortas e olivais, numa praça que se define com maior convicção durante a meninice de Wolfgang Mozart (1756-1791), quando se urbanizava a Cotovia e que hoje se confunde com a avenida para onde se abre e que já foi um Val'verde.

Estejamos onde estivermos, a casa do Hot Clube de Portugal é antes de mais um lugar espiritual e de liberdade, permanentemente renovado por todos e cada um dos seus sócios e amigos, assim que soa um qualquer primeiro acorde, fundado na vontade indómita¹ dos seus sócios.

O Gualdino e as “sessões da drogaria ideal”

Na década de 1980, “Rua do Conde” era sinónimo de encontros musicais, noitadas até às tantas, longas e fartas jantaradas e muita agitação. Naquela estreita artéria que une a Lapa às Janelas Verdes, instalara-se, há alguns anos, a “Drogaria Ideal”. Um pouco mais abaixo, um grupo de músicos abriu o “Pintado de Fresco”. Em frente, ficava o “Sua Excelência”. E bastava dobrar uma de duas esquinas à escolha para encontrar a “A Casa da Comédia” de um lado e o “Stones” do outro.

Sempre a farejar “espaços” para montar “gigs de jazz”, o Gualdino tinha descoberto que a “Drogaria” estava livre nas noites de Domingo. Elaborou então um plano: ocupá-las com a voz da Maria Viana. Eu tocava piano e o Nuno Gonçalves, contrabaixo. Ainda esbocei uma ténue resistência, mas os argumentos do Gualdino eram de peso (“Ó doutor, não pode dizer que não, olhe que o piano é um Steinway de cauda!”). Então, e na bateria? “Não há problema”: o António Vilas-Boas chegaria no próprio dia com toda a sua experiência de noites algarvias e, em cima da hora, “colava-se” ao conjunto. Houve dois encontros em casa do Nuno para combinar temas e tons. Foram estes os antecedentes das “Sessões da Drogaria Ideal”.

Logo na primeira noite, aprendi duas coisas. A primeira, que não é fácil “colar” bateristas, mesmo quando têm uma longa experiência algarvia. A segunda, que a Maria Viana é um poço infindável de talentos musicais.

Foi assim durante vários meses em que muitos outros músicos se juntaram a nós: Alberto Coronel, Paulo Gil, percussionistas, saxofonistas e vários bateristas, entre os quais, evidentemente, o Gualdino. Houve momentos exaltantes, outros falhados. Houve noites de saudável camaradagem e até de conflitos inesperados que por pouco não degeneraram em pancadaria. O mestre de cerimónias destas sessões era o Gualdino. Estou a vê-lo, ao princípio da noite, a receber as pessoas com um sorriso feliz e uma vénia respeitosa. Desdobrava-se depois em apresentações de quem ia chegando e se instalava para assistir ao concerto: era para ele uma satisfação fomentar relações entre os amigos que tinham em comum o gosto e as cumplicidades da música de jazz. Enquanto se afinavam instrumentos e se combinavam repertórios, ouvia-se a sua voz a repetir: “Dá-me licença que lhe apresente, dá-me licença que lhe apresente...”. E, feliz, apresentava toda a gente. Mas, à medida que as horas passavam e o consumo de cervejas aumentava, o que se ouvia era o Gualdino a emitir uns monossílabos cada vez menos inteligíveis e cada vez mais guturais, incapaz de atender aos



nossos pedidos insistentes: “Acalma-te, Gualdino! Vai para casa, homem”.

Se conto isto, é apenas porque quero realçar a força e a determinação que existiam naquele corpo franzino. Consciente do prejuízo que estes excessos estavam a causar na sua imagem de pessoa educada, incapaz de uma grosseria — ele que tinha convivido com toda a casta de boémios e gente da má vida durante o tempo em que tocava bateria nos cabarets de Lisboa — decidiu um dia (não sei quando) deixar de beber álcool. E assim foi. Bem podia eu dizer-lhe durante um jantar: “Eh pá! bebe lá uma cervejinha; não é isso que te vai fazer mal”. Mas recusou sempre: para ele tinha sido uma decisão radical e irrevogável. O Gualdino não era apenas excepcionalmente bem-educado: conhecia também todas as regras da etiqueta e, na rua, movimentava-se constantemente, numa estranha dança sem descanso, para dar a direita às senhoras ou às pessoas por quem tinha respeito.

Tive o privilégio da sua amizade: uma amizade fiel, que não merecia discussão e que estava acima de qualquer circunstância, mas que, para mim, era embaraçosa. Muitas vezes lhe disse: “Trata-me por tu! Trata-me por Tó Zé!” Recusou sempre: para ele, eu seria sempre o médico, o doutor, embora o que apreciava mais em mim fosse a maneira tosca de eu tocar piano. Sempre que tinha ocasião de me acompanhar na bateria, não escondia um ar de felicidade que me deixava perplexo, mas também lisonjeado. A música de jazz e a bateria eram as grandes paixões do Gualdino. Possuía uma baixela própria de címbalos e tarolas e treinava a técnica do instrumento sempre que podia. Se queríamos vê-lo sorridente bastava dizer-lhe no fim de um concerto: “Eh pá! Tocaste muito bem”. Porque ele nunca tocou bem. Mas tocava com a paixão, a intenção e o prazer de um verdadeiro amador e amante do jazz que se entregava à música como ninguém. Para ele, a maior alegria era descobrir jovens músicos que estavam a despontar para o jazz. Sabendo que eu gostava de acompanhar cantoras, anunciava-me com frequência: “Oh Doutor! Descobri uma miúda que canta que é uma maravilha. Tem que a conhecer”. E acrescentava com ar matreiro: “E olhe que é muito gira!”. Que saudades desses tempos, Gualdino! Agora que finalmente partiste para a “Grande Viagem”, como muitas vezes anunciaste, espero que, estejas onde estiveres, nos encontremos um dia para retomar as “Sessões da Drogaria Ideal”. Consta-me que o São Pedro gosta de jazz.



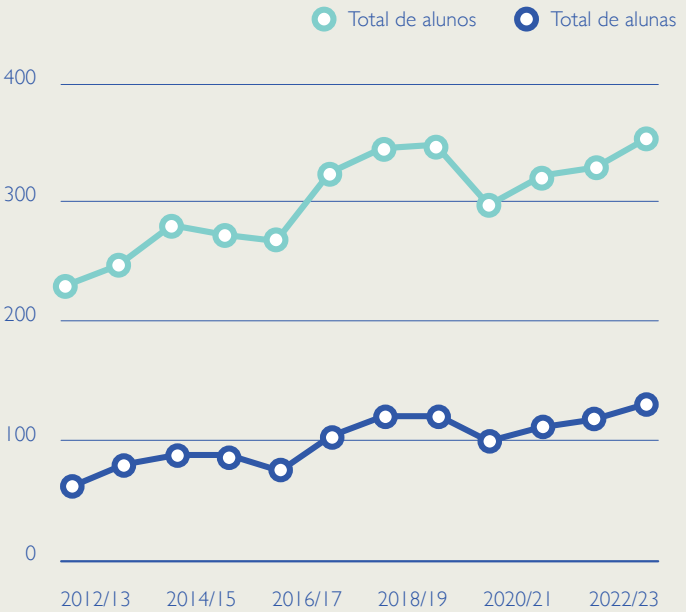
António José de Barros Veloso, Lisboa, 5 de Março 2024

Hot em números

Inauguramos uma breve coluna sobre números na história do Hot Clube de Portugal, com alguns números relativos à nossa escola de jazz:

Variação de alunos nos últimos 11 anos

ano letivo	total de alunos	total de alunas	percentagem de alunas
2012/2013	224	50	22%
2013/2014	245	70	29%
2014/2015	284	80	28%
2015/2016	274	78	28%
2016/2017	268	64	24%
2017/2018	334	98	29%
2018/2019	358	117	33%
2019/2020	361	119	33%
2020/2021	303	94	31%
2021/2022	330	107	32%
2022/2023	339	115	34%
2023/2024	367	130	35%



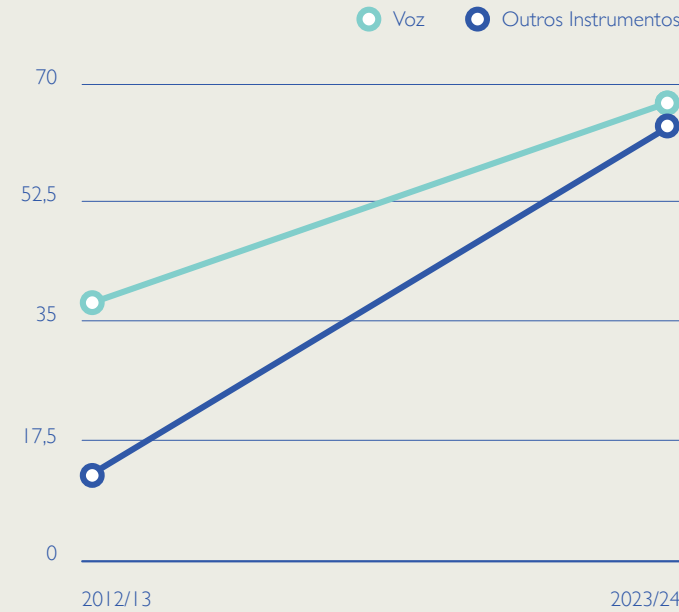
O gráfico da esquerda reflecte o crescimento consistente da escola do Hot Clube nos últimos doze anos. Curiosamente o número global de alunos cresceu 50% (de 224 para 323), enquanto o número de alunas cresceu mais do dobro.

No segundo gráfico é possível observar que o número de mulheres em «outros instrumentos» é quase igual ao da voz, enquanto há doze anos era de apenas um terço.

António Campinos Poças, Lisboa e Oeiras,
15 de Novembro de 2024

Alunas – Voz e instrumentos a 11 anos

ano letivo	total	voz	outros instrumentos
2012/2013	50	37	13
2023/2024	130	67	63



Um ano fora de portas e os 100 anos do Villas

De um ano novo, espera-se vida nova, mas... infelizmente, não foi o que aconteceu



João Lagarto, *Tudo Isto É Jazz*, CCB ©Jorge Carmona

No dia 11 de Janeiro, ainda sem clube, levámos o “Jazz ao Parque Mayer” para recordar que um ano antes o Hot Clube tinha sido encerrado. Durante a tarde tivemos a participação de combos dos diferentes cursos da Escola do Hot Clube e à noite recebemos o trio da jovem pianista Rita Caravaca (com Emanuel Inácio e Francisco Coelho), o trio de Mário Laginha (com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão) e o quarteto de Carlos Bica (com José Soares, Eduardo Cardinho e Gonçalo Neto).

Em 2024 Luiz Villas-Boas faria 100 anos, foram várias as iniciativas em que o Hot Clube participou recordando e homenageando assim o seu fundador.

Em Fevereiro, numa combinação de teatro e música, a Orquestra de Jazz do Hot Clube juntou-se a João Lagarto, que interpreta Luiz Villas-Boas e apresenta “Tudo isto é jazz!” no palco do CCB. A 26 de Março, dia de aniversário de Villas-Boas, regressámos ao Parque Mayer com a Orquestra de Jazz do Hot Clube e Selma Uamusse para apresentar excertos de Black, Brown & Beige, peça de Duke Ellington, um dos compositores preferidos de Villas-Boas. Durante este concerto, na presença do ministro da cultura Pedro Adão e Silva e de outros convidados, o Presidente da CML, Eng. Carlos Moedas e Pedro Moreira assinam formalmente o tão esperado acordo de cedência do edifício na Praça da Alegria.



Combo Atelier ©Diogo Moreira

Festejámos o 50º aniversário do 25 de Abril com Santa Casa Jazz Fest em parceria com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Durante 4 dias, no Convento de São Pedro de Alcântara, tivemos o Quinteto de Isabel Rato, o Quinteto de Maria Carvalho, Daniel Bernardes, Filipe Raposo, o duo “Calcanhar” de Carlos Azevedo e João Mortágua e ainda o trio SUL. Participaram igualmente diversos combos da Escola do Hot Clube.

No verão voltámos ao Jardim do Arco do Cego com o ciclo “Avenidas Hot Jazz”. Um conjunto de cinco concertos: 5teto de Alice San Payo, Mateus Saldanha Quarteto, Juliana Mendonça Sexteto, “Careful!” de André Matos e Bruno Santos, Marques/Cabaud 4tet featuring O’Gallagher & Williams.

A Orquestra de Jazz do Hot Clube com Selma Uamusse apresentou Black, Brown & Beige em diversos locais: Lisboa, Tavira, Sobreda da Caparica, Caldas da Rainha e Évora. Com Mário Laginha e Cristina Branco a orquestra apresentou “Perto” no Teatro Tivoli e no programa “Festas na Rua” no Jardim do Palácio da Alfaroqueira.

O Quinteto do Hot Clube comemorou o 76º aniversário do Hot no Teatro da Comuna e em conjunto com a Orquestra PoP acompanhou António Zambujo em “Zambujo Canta Jobim”, duas noites esgotadas no Teatro Tivoli.



Pedro Adão e Silva, Carlos Moedas e Pedro Moreira, ©Joaquim Mendes



Orquestra do Hot com Selma Uamusse, 100 Anos do Villas ©Joaquim Mendes

Em 2024 também a Escola do Hot, alunos e professores levaram a cabo inúmeras actividades, das quais se destacam os habituais recitais de finalistas, 21 concertos que envolveram perto de 60 alunos. Destacamos também as “Semanas de Actividades”, que envolveram músicos como Michael Formanek, Brad Jones, Alexandre Frazão, Jeff Williams, João Paulo E. da Silva, Nicholas McNair, André Fernandes, Luís Barrigas, Miguel Barrosa, Bruno Santos, Joana Espadinha, João Firmino, Gonçalo Prazeres, Joana Machado, Beatriz Nunes, Isabel Rato e Maria da Rocha.

Para “fora” foram os professores Gonçalo Marques e Bruno Santos que se deslocaram a Luanda para um workshop com cerca de 30 alunos, no Centro Cultural Português de Luanda e uma masterclass na Escola Portuguesa.

Ainda lá “fora”, em Julho, a aluna finalista Sílvia Ferreira representou a Escola do Hot em França, participando num workshop incluído no Festival Jazz a Vienne.

Uma vez mais os nossos alunos participaram no Encontro de Escolas da Festa do Jazz. O júri atribuiu ao combo da Escola do Hot Clube uma Menção Honrosa. Parabéns aos alunos Vasco Pereira, Alice Travessa, Francisco Carrapa, Manuel Gomes, Alice San Payo e Gonçalo Nunes.

Em Dezembro regressámos ao Bar do Teatro da Comuna para a Festa de Natal do Hot. Depois do almoço em que participaram sócios, alunos e amigos do Hot Clube, tivemos 15 concertos, que envolveram cerca de 90 alunos dos diferentes cursos, bem como o Coro e Orquestra de alunos da Escola do Hot.

Terminamos 2024 a pensar em 2025 e nas novidades que este nos reserva. A Orquestra do Hot irá apresentar em várias salas do país o projecto “Impermanências” e contamos que o Hot regresse à Praça da Alegria.

Luís G. Cunha



Festa de Natal, Bar da Comuna ©Diogo Moreira

